

ECOCRÍTICA(S).

LITERATURA E COLAPSO AMBIENTAL

A ecocrítica se destaca entre os mais relevantes desdobramentos nos estudos literários contemporâneos, sobretudo no que tange ao campo da literatura comparada, da reflexão pós-colonial e do debate sobre literatura-mundial; trata-se, no entanto, de uma perspectiva teórica e analítica ainda pouco consolidada no Brasil, especialmente no âmbito da teoria e da crítica literárias. Tendo em conta a proliferação de categorias que de um modo geral pretendem observar o impacto (geológico) do humano em suas diversas subjetividades e através de perspectivas críticas distintas – *antropoceno*, *capitaloceno* *plantationceno* ou *chthuluceno* (Moore, 2016; Haraway 2015), entre outras – o ambiente, a ser entendido em sua inevitável convergência entre pessoas, animais, natureza e sistema-mundial capitalista, se configura como *um tema* e *um problema* também literários, oferecendo a possibilidades de se (re)definir a literatura – suas estéticas, formas e gêneros, bem como seus paradigmas críticos e conceituais – a partir de uma perspectiva eco-ambientalista.

É fato que a relação entre natureza e sociedade marca profundamente o debate sobre cultura e literatura – a ser entendida como uma de suas expressões mais paradigmáticas – desde pelo menos os anos sessenta. A este propósito, como afirma Raymond Williams (2005, p. 70-71) em seu fundamental ensaio *Cultura e materialismo*: “a ideia da natureza contém uma quantidade extraordinária de história humana. O que muitas vezes se discute na ideia de natureza parece-me a ideia do ser humano; [...] ou em última instância, a ideia do ser humano em

sociedade, na verdade as ideias de tipos de sociedades”.¹ Neste sentido, tal como salienta Pablo U. Mukherjee (2010, p. 29):

Williams mostra que a ideia de uma “ecologia profunda”, de um reino natural não contaminado, separado do humano, não é algo nem radical nem contemporâneo, mas tem suas raízes nos “cientistas físicos e nos empreendedores” do Iluminismo europeu [pp. 76-77]. Portanto a urgência de repensar a cultura e as literaturas à luz do ambiente não é novidade dentro dos estudos das Humanidades.²

A perspectiva ambientalista - e, portanto, o que vem sendo definido como ecocrítica - não pode ser encarada como uma *nova ideia* - ou uma *moda acadêmica* - no âmbito da reflexão crítica contemporânea - e sobretudo em situações e contextos periféricos e (semi-)periféricos onde a interação entre ser humano e meio-ambiente é irremediavelmente ligada à projetos coloniais e imperiais³. Mas se configura como uma reorientação ou, melhor, uma lente, no âmbito de reflexões teóricas ou analíticas que colocam em pauta a relação entre cultura e natureza e, portanto, entre literatura e sociedade, onde o contexto dos estudos literários no Brasil é de indubitável pioneirismo. Importa, no entanto, destacar que a interação entre literatura e (meio-)ambiente para não ser mais uma mera celebração da falaciosa antítese *cultura/natureza* ou para não se tornar uma *guinada verde* desprovida de implicações políticas, necessita ser pensada a partir de sua fundamental articulação materialista. A este propósito como nota ainda Pablo U. Mukherjee (2010, p. 61):

Se aceitarmos a premissa de que o ambiente material é a condição capacitadora de todo o trabalho humano, incluindo o trabalho cultural, e que, assim como não podemos pensar o ambiental sem o humano, também não podemos pensar

1 “[...] the idea of nature contains an extraordinary amount of human history. What is often being argued, it seems to me, in the idea of nature is the idea of man; and this not only generally, or in ultimate ways, but the idea of man in society, indeed the ideas of kinds of society”

2 Citação original: “Williams shows the ‘deep ecological’ idea of a uncontaminated natural realm separate from the human as being neither radical nor contemporary, but as having its roots in the ‘physical scientists and improvers’ of the European Enlightenment (pp. 76-77). Therefore the urgency of rethink culture and literatures in the light of the environments it is not new within the scholarships in the Humanities”

3 Daí a proeminência dos estudos pós-coloniais naquilo que tem vindo a ser definido como *humanidades ambientalistas*, especialmente evidente na articulação entre *geografia* e *história* que pauta a reflexão crítica proposta por exemplo por Edward W. Said in *Cultura e Imperialismo* (1993) e por Anne McClintock (1993) no início dos anos noventa.

o humano sem o ambiental, então chegamos à questão de como o ambiente permite atividades humanas como escrever um romance ou um poema, representar uma peça de teatro ou de cinema, compor uma música ou uma pintura.⁴

É portanto neste perspectiva que o ambiente – a ser entendido como condição material onde convergem *humano* e *não-humano* e que proporciona as condições para qualquer tipo de trabalho – se apresenta como o elemento fundamental para que estéticas, linguagens e representações se tornem possíveis, se configurando como o pressuposto – isto é, o significativo – matricial a partir do qual é possível ler e entender a relação entre humano e sociedade – isto é, os *modelos de sociedades* – e portanto a inevitável simbiose entre humanos e não-humanos; a partir deste horizonte surgem categorias de análise de grande pertinência crítica no campo dos estudos literários como, por exemplo, a de *estética ecomaterialista* (MUKHERJEE, 2010), uma noção que se inscrevendo no campo da crítica materialista é evidentemente tributária das formulações desenvolvidas por Raymond Williams e Sebastiano Timpanaro:

As posições filosóficas materialistas básicas que podem sustentar elementos conceituais de uma estética que estou chamando de “ecomaterialismo” começam a emergir dessa discussão envolvendo [Raymond] Williams e [Sebastiano] Timpanaro – a unidade essencial de humanos e meio-ambiente, de história e natureza; uma relação constante, dinâmica e diferenciada entre o ser humano e o meio-ambiente por meio de todo tipo de trabalho; a centralidade do ambiente material em relação aos processos cognitivos humanos e a relativa passividade epistemológica humana diante dele; finalmente, a condição capacitadora específica que o meio-ambiente oferece a todas as atividades culturais humanas.⁵

4 “If we accept the premise that the material environment is the enabling condition of all human labour, including cultural labour, and that just as we cannot think of the environmental without the human neither can we think of the human without the environmental, then we have come to the question of how exactly the environment enables activities such as writing a novel or a poem, or performing a piece of theatre, cinema, or composing music or painting.”

5 “The basic materialist philosophical positions that might underpin conceptual elements of an aesthetics I am calling ‘eco-materialism’ begin to emerge from this discussion involving [Raymond] Williams and [Sebastiano] Timpanaro – the essential unity of humans and environment, of history and nature; a constant, dynamic and differentiated relation between humans and environment through labour of all kinds; the centrality of material environment in relation to human cognitive processes and the relative human epistemological passivity before it; finally, the specific enabling condition that the environment offers to all human cultural activities.”

Se concordamos com Pablo Mukherjee que *é impossível compreender a história e a geografia, a natureza e a cultura, sem reconhecer a sua interpenetração mútua* (2010) e se reconhecermos a necessidade de (re) definir o meio-ambiente como *a rede simbiótica de toda a existência humana e não-humana* (*idem*) é possível afirmar que as *humanidades ambientalistas* em sua perspectiva *ecomaterialista* se apresentam como um campo de estudo e um pressuposto conceitual de grande pertinência e validade para rearticular o significado político da literatura ou, de forma mais geral, do trabalho cultural. Neste sentido, é importante notar que a intersecção entre os estudos literários, a teoria pós-colonial e o pensamento materialista no seio das Humanidades surge como uma abordagem crítica privilegiada para colocar a literatura e, de forma geral, a cultura entre as actividades humanas que parecem ser capazes de interrogar e, possivelmente, propor respostas – isto é, agendas – capazes de enfrentar as muitas injustiças ambientais que em diversas escalas, frequências e intensidades, ocorrem no mundo. Neste sentido, como afirma Rob Nixon:

Uma aliança radicalmente criativa entre os estudos ambientais e pós-coloniais pode ajudar a repelir os esforços administrativos e disciplinares para encurralar para fins estreitos o que os estudiosos atentos ao poder da palavra e da história têm a oferecer ao mundo. O que podemos oferecer inclui a crença no valor de vários públicos enquanto nos esforçamos, entre outras coisas, para promover coalizões imaginativas que possam ajudar a corrigir a injustiça ambiental. Crucialmente, argumentei que precisávamos repensar o que estamos procurando – que tipos de textos, que tipos de questões – quando nos envolvemos com literaturas ambientais transnacionais.

No processo, podemos aspirar a um sentido mais historicamente responsável e geograficamente expansivo do que constitui nosso ambiente e a quais obras literárias confiamos para expressar seus parâmetros. Apesar dos avanços recentes em direção a esse objetivo, a nossa continua sendo uma tarefa permanente, ambiciosa e crucial – até porque, no futuro previsível, os departamentos de literatura provavelmente continuarão sendo atores influentes para que as *humanidades* se tornem ainda *mais verdes*.⁶

6 “A radically creative alliance between environmental and postcolonial studies can help push back against administrative and disciplinary efforts to corral for narrow ends what scholars alive to the power of word and story have to offer the wider world. What we can offer includes a belief in the value of multiple publics as we strive, among other things, to foster imaginative coalitions that may help redress environmental injustice. [...] Crucially, I argued that we needed to rethink what it is we are looking for — what kinds of texts, what kinds of issues — when we engage transnational environmental literatures. In the process, we can aspire to a more historically answerable and

Portanto, o principal objetivo deste dossiê temático **ECOCRÍTICA(S). Literatura e Colapso Ambiental**⁷ é o de mapear, em sentido mais exploratório de que cartográfico, algumas das reflexões que se situam no amplo debate das chamadas *humanidades ambientais* (cf. *environmental humanities*), privilegiando, por um lado, reflexões críticas que se inscrevem no campo dos estudos pós-coloniais e da literatura-mundial e, por outro, análises e (re-)leituras de obras literárias e teóricas que registram o colapso ambiental, em diversas modalidades estéticas, línguas, linguagens e geografias, procurando fazer jus à principal tarefa da crítica humanista: *tornar mais coisas acessíveis ao escrutínio crítico para derrubar injustiças secretas e vergonhosas, castigos coletivos e planos manifestamente imperial de dominação* (SAID, 2007).

Elena Brugioni e Alfredo Cesar Melo

Unicamp

REFERÊNCIAS

- HARAWAY, Donna. “Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin”. In *Environmental Humanities*, v.6, n.1, 2015, pp. 159–165. Disponível em: <<https://doi.org/10.1215/22011919-3615934>>. Acesso em: 28/02/2023.
- MCCLINTOCK, Anne. “The Angel of Progress: Pitfalls of the Term ‘Postcolonialism’”, in Williams, P. L. Chrisman (eds). *Colonial Discourse and Postcolonial Theory*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1993, pp. 290-304.
- MOORE, Jason W. *Anthropocene or Capitalocene?: Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Oakland: PM Press, 2016.

geographically expansive sense of what constitutes our environment and which literary works we entrust to voice its parameters. Despite the recent advances toward that goal, ours remains an ongoing, ambitious, and crucial task — not least because for the foreseeable future, literature departments are likely to remain influential players in the greening of the humanities.”

7 O dossiê se insere nos resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto “Comparativismos *Combinados e Desiguais*. Repensar o campo dos estudos africanos e pós-coloniais a luz do debate sobre literatura-mundial”, coordenado por Elena Brugioni e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Fapesp (ref. 2020/07836-0).

- MUKHERJEE, Pablo Upamanyu. *Postcolonial Environments. Nature, Culture and the Contemporary Indian Novel in English*. Palgrave McMillan, 2010.
- NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: Harvard University Press, 2011.
- SAID, Edward W. *Humanismo e Crítica Democrática*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1993.
TIMPANARO, Sebastiano. *On Materialism*. Trans. Lawrence Garner. London: New Left Books, 1975.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture and Materialism*. London and New York: Verso, 2005